

O SUSPEITO



RONALDO CAVALHEIRO

O SUSPEITO

Ronaldo Cavaleiro

Conto

© 2026 Ronaldo Cavaleiro

Todos os direitos reservados.

Edição digital.

O SUSPEITO

Ele conhecia bem a rua onde morava. Sabia quem costumava chegar tarde, quais casas ficavam vazias durante o dia, quais moradores eram idosos e viviam sozinhos. Mantinha os olhos atentos ao movimento e, sempre que percebia alguma coisa fora do habitual, procurava se certificar de que estava tudo bem. Se encontrava um portão aberto de madrugada, telefonava para avisar. Quando um carro desconhecido permanecia muito tempo parado diante de alguma residência, observava até descobrir a razão. Com os anos, aquela atenção havia se transformado quase numa responsabilidade assumida por conta própria.

Sua casa ajudava. Construída num terreno mais alto que os demais, permitia, da varanda do segundo andar, uma visão extensa da rua e de parte das quadras próximas. Havia comprado até um binóculo, que mantinha próximo à janela. Foi por ele que começou a observar o novo morador.

Aristides havia se mudado havia pouco mais de um mês para uma casa alguns metros adiante. Era um homem reservado. Saía cedo, quase sempre sozinho, e voltava tarde. Falava pouco com os vizinhos e mantinha uma expressão permanentemente fechada. Havia nele uma dureza que naturalmente encurtava qualquer tentativa de conversa.

O que realmente chamou atenção foram os carros. A cada semana aparecia um diferente. Alguns permaneciam poucos minutos diante da casa. Outros entravam na garagem e saíam

horas depois. Homens e mulheres chegavam em horários variados, trocavam poucas palavras com Aristides e desapareciam para dentro da residência. O movimento tinha uma regularidade difícil de ignorar. O vizinho começou a prestar mais atenção.

Numa sexta-feira, pouco depois das sete da noite, estava na varanda quando viu um carro passar lentamente pela rua. Seguiu adiante. Minutos depois, outro fez o mesmo. Depois um terceiro. Pegou o binóculo.

Os veículos estavam sendo deixados fora daquela quadra. Alguns estacionavam na rua de trás, outros perto da esquina. As pessoas desciam e retornavam a pé. Havia homens e mulheres. A maioria vestia roupas escuras. Alguns traziam capuzes ou gorros na cabeça. Em vez de seguirem diretamente para a casa de Aristides, espalharam-se pela rua.

Um homem permaneceu atrás de uma árvore. Dois ficaram junto a um carro estacionado. Outro parou nas proximidades do ponto de ônibus. Uma mulher aguardou perto de um muro. O vizinho ajustou o foco. A movimentação agora tinha outro aspecto.

Então percebeu um homem dando instruções. Usava as mãos. Um gesto curto, outro em seguida. As pessoas se afastaram umas das outras e ocuparam novas posições. O vizinho observou com maior atenção. Já vira sinais parecidos em reportagens sobre operações militares e policiais: movimentos rápidos, destinados a orientar um grupo sem necessidade de palavras.

Olhou novamente para a casa de Aristides. As janelas permaneciam escuras. Pegou o telefone, mas ainda esperou alguns instantes. Poucos minutos depois, um dos homens fez um sinal. Todos ficaram imóveis.

Um carro havia dobrado a esquina. Era Aristides. Ele avançou lentamente. Como fazia frequentemente ao retornar para casa, passou diante do próprio portão sem entrar, seguiu até a esquina, fez a volta e retornou devagar. O vizinho já havia reparado naquele costume outras vezes. Aristides costumava percorrer aquele pequeno trecho antes de recolher o carro, observando a rua durante o trajeto. Naquela noite, porém, aquilo parecia ter outro significado.

Pegou o telefone. Ligou para a polícia e falou baixo. Explicou que havia pessoas cercando uma residência, espalhadas pela rua, ocupando diferentes pontos e recebendo sinais de comando. Informou o endereço.

Enquanto falava, Aristides estacionou diante do portão. Permaneceu alguns segundos dentro do carro, olhou para os dois lados, saiu, abriu o portão e entrou com o veículo. O homem que parecia liderar o grupo levantou uma das mãos. Todos aguardaram.

Aristides atravessou a garagem e subiu até a porta. No instante em que colocou a chave na fechadura, o braço do homem desceu. As pessoas avançaram. Saíram das posições ao mesmo tempo, atravessaram a rua rapidamente e, em poucos segundos, estavam dentro do terreno.

O vizinho apertou o telefone contra o ouvido. — Entraram. A atendente perguntou alguma coisa. — Todos eles. Entraram agora.

A porta da casa se fechou. Por alguns segundos, a rua ficou suspensa naquela espera. Então veio o primeiro grito. Depois vários. Um barulho seco, outro. Alguma coisa caiu. Luzes começaram a piscar atrás das cortinas. Sombras atravessavam a sala de um lado para outro. Mais gritos. Estalos. Uma sequência de pancadas.

O vizinho se inclinou sobre o parapeito, tentando encontrar um ângulo melhor. — Mandem alguém rápido. A movimentação continuou por mais algum tempo. As vozes aumentaram e depois cessaram de repente. A casa mergulhou novamente numa calma estranha.

As primeiras sirenes surgiram poucos minutos depois. Uma viatura entrou na rua em velocidade. Depois outra. Mais duas vieram logo atrás. Policiais desceram e ocuparam posições diante da residência. A rua, até então recolhida, começou a despertar. Cortinas foram discretamente afastadas. Portas se entreabriram. Rostos surgiram atrás dos vidros.

Um policial levantou um megafone. — ATENÇÃO! A RESIDÊNCIA ESTÁ CERCADA! A casa permaneceu fechada. — SAIAM COM AS MÃOS PARA CIMA! Os policiais mantiveram posição. Um deles aproximou-se do portão. Outro permaneceu voltado para as janelas. — SAIAM UM POR UM. DEVAGAR. MÃOS VISÍVEIS!

A porta finalmente se abriu. Um homem apareceu, ergueu as mãos e deu alguns passos. Atrás dele veio outro. Depois uma mulher. Mais duas pessoas surgiram. O policial à frente franziu a testa. Alguma coisa parecia fora do lugar.

O primeiro homem usava um pequeno chapéu colorido. Na mão direita, carregava um prato descartável com uma fatia de bolo. A mulher atrás segurava um copo plástico. Outro homem surgiu mastigando. Mais pessoas apareceram na porta, todas com chapéus de festa.

Então Aristides saiu. Tinha farinha espalhada pelos cabelos. Um ovo quebrado escorria pela lateral da testa. Os óculos estavam tortos. A gravata pendia sobre um dos ombros. Parou diante das viaturas e olhou para os policiais.

Um dos oficiais arregalou os olhos. — Chefe?!

Aristides ajeitou os óculos. O policial deu alguns passos à frente. — Doutor Aristides?

Atrás dele, um dos homens ergueu o copo de refrigerante. — Feliz aniversário, chefe!

Ronaldo Cavalheiro

OUTRAS LEITURAS

Continue por aqui

Conheça outros trabalhos de Ronaldo Cavalheiro.

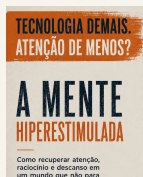


O Círculo Ocioso

Quando o descanso deixa de recuperar e começa a dificultar a retomada.

SAIBA MAIS

[Hotmart](#) • [Kiwify](#)



A Mente Hiperestimulada

Como recuperar atenção, raciocínio e descanso em um mundo que não para.

SAIBA MAIS

[Hotmart](#) • [Kiwify](#)



O Código da Amizade

Lucas, Otto e uma amizade que cresce onde quase ninguém esperava encontrá-la.

SAIBA MAIS

[Conhecer no site](#)



Café das 8

Um romance de mistério sobre um encontro às oito e um passado que atravessa décadas.

SAIBA MAIS

[Conhecer no site](#)

SITE OFICIAL
ronaldocavalheiro.com

ACOMPANHE
@ronaldocavalheiroautor